



---

Revista de Estudos das Origens da Filosofia Contemporânea  
Journal of Studies on the Origins of Contemporary Philosophy

Geltung, vol. 3, n. 2, 2024, p. 1-22 | e70198

ISSN: 2764-0892



<https://doi.org/10.23925/2764-0892.2024.v3.n2.e70198>

---

## A ALMA EM HUSSERL E EDITH STEIN

MARTINA KORELC

*Universidade Federal de Goiás*

*[martina@ufg.br](mailto:martina@ufg.br)*

## RESUMO

O texto apresenta a concepção da alma em Husserl e Edith Stein. A abordagem husserliana é estruturada em três momentos: no primeiro momento, considero a alma tal como Husserl a esclarece a partir da atitude natural, na qual ela é imediatamente vivenciada como vida interior, vida da consciência, e compreendida na sua unidade com o corpo vivo como compondo o ser humano enquanto naturalizado no mundo; em segundo momento é apresentada a subjetividade transcendental como a vida subjetiva originária; por fim apresento a interpretação husserliana da alma a partir da vida transcendental como uma objetificação desta. Na segunda parte do texto, apresento a abordagem steiniana da alma, focando-me na via de acesso a ela que a autora encontra nas vivências afetivas, capazes de evidenciar a dimensão da profundidade da interioridade e com isso revelando de modo mais rico o ser e o sentido da alma. Concluo que a interpretação diferente do sentido da alma provém da decisão metodológica a respeito da redução transcendental.

## PALAVRAS-CHAVE

ALMA. CONSCIÊNCIA. EU. VIVÊNCIA AFETIVA. PROFUNDIDADE

## ABSTRACT

The text presents the conception of the soul in Husserl and Edith Stein. The Husserlian approach is structured in three stages: first, I consider the soul as Husserl clarifies it from the natural attitude, in which it is immediately experienced as inner life, the life of consciousness, and understood in its unity with the living body as constituting the human being naturalized in the world. Second, I present transcendental subjectivity as the primordial subjective life. Finally, I examine Husserl's interpretation of the soul from the perspective of transcendental life as an objectification of it. In the second part of the text, I present Stein's approach to the soul, focusing on the path she finds through affective experiences, which reveal the depth of interiority and thereby offer a richer understanding of the being and meaning of the soul. I conclude that the different interpretations of the meaning of the soul stem from the methodological decision regarding transcendental reduction.

## KEYWORDS

SOUL. EGO. I. AFFECTIVE EXPERIENCE. PROFUNDITY.

No presente artigo apresento o conceito de alma [*Seele*]<sup>1</sup>, inserido na investigação da essência da pessoa concreta no mundo, que é comum a Husserl e Edith Stein. Ambos os autores descrevem a alma a partir da sua relação com e a diferenciação entre a vida da consciência e o Eu que é propriamente o sujeito da consciência e que, além de ser o polo de todos os atos da consciência, é também pessoal, ganhando com isso uma certa “espessura”. O modo de acesso ao que é interpretado como alma, contudo, é diferenciado nos dois autores, e com isso ultimamente também o seu sentido.

## A ALMA SEGUNDO HUSSERL

### A) O SENTIDO DA ALMA NA ATITUDE NATURAL

A concepção bastante comum do ser humano, existindo concretamente no mundo, que se encontra nos escritos de Husserl, é a de uma unidade real de corpo vivo [*Leib*] e alma [*Seele*], ou seja, de um corpo vivo, animado por uma alma; o autor compreende o ser humano também como um substrato de propriedades psico-físicas pessoais. Um esclarecimento do sentido da alma, da sua essência, que está implicada nesta definição do ser humano e que é importante para a fundamentação da ciência da alma, psicologia, encontramos nas *Ideias II* de Husserl.

A experiência que nos fornece o acesso, as intuições originárias doadoras daquilo que chamamos alma, é a experiência psíquica, interna. É esta que deve ser interrogada – através da intuição eidética – para obtermos o sentido ou a essência da alma.

A primeira coisa que aqui a experiência traz á doação é um fluxo sem começo e sem fim de ‘vivências’, das quais nos são bem conhecidos os seus variados tipos pela percepção interna [...]. As vivências, as sensações, as percepções, as recordações, os sentimentos, os afetos etc., não nos são dados na experiência como meros anexos dos corpos vivos materiais [...] Eles são, antes, unidos em virtude da sua própria essência, ligados e

---

<sup>1</sup> A tradução da *Seele* por “alma” é a mais comum; contudo, é possível traduzir o termo também como “mente”, para evitar a remissão do conceito a supostos pressupostos metafísicos.

interpenetrados entre si, fluem um no outro em estratos e somente são possíveis na unidade deste fluxo. Nada pode dele ser arrancado, como nada separado dele como coisa em si (Hua IV, p. 92-93).

A alma, chamada inicialmente por Husserl também “sujeito psíquico [seelische] real”, se doa, portanto, como um fluxo de vivências com uma unidade própria, dada pela conexão entre as vivências, e manifesta suas propriedades pela regularidade nas vivências. A unidade da alma, porém, embora em relação com o fluxo monádico da consciência, em certo sentido o transcende, diz Husserl (Hua IV, p. 121). A alma é uma unidade das suas propriedades, enquanto elas são seus modos de comportamento ou estados psíquicos. Entre estas propriedades há uma hierarquia ou ordem, elas se ordenam em diferentes estratos, no sentido de que os estratos superiores se fundam sobre os inferiores e os pressupõem, isto é, as faculdades espirituais se edificam sobre as faculdades sensíveis inferiores. Nas palavras de Husserl:

Assim como a própria coisa, a própria alma não é nada mais do que a unidade das suas propriedades; em seus estados ela se ‘comporta’ deste ou doutro modo, nas suas propriedades ela ‘é’ e cada uma das suas propriedades é um mero raio do seu ser. Podemos expressar isso de seguinte modo: a alma é a unidade das suas capacidades [Vermögen] espirituais, constituídas (e a seu modo também estratificadas) sobre as capacidades sensíveis, e nada mais (Hua IV, p. 123).

Um certo sentido de realidade, análogo, mas não idêntico ao da coisa material, pode ser atribuído à alma. Não existe uma substância psíquica, segundo Husserl: “a alma não alma tem um “em si” como a “natureza”, nem uma natureza matemática como a coisa da física, nem uma natureza como a coisa da intuição” (Hua IV, p. 132). Tampouco podemos falar da causalidade referida às relações regulares entre as suas propriedades ou comportamentos e as circunstâncias, embora haja dependência da alma em relação ao corpo. O que se pode dizer é que a alma, que se doa nas vivências e circunstâncias mutáveis, é um ser permanente e tem, portanto, sua identidade e a unidade que se estende no tempo. Não obstante possamos diferenciar estratos e vivências, a

alma não é fragmentável, é uma unidade absolutamente indivisível. Enquanto esta unidade, a alma é portadora ou substrato de uma vida psíquica, ela age na natureza e sofre influências dela, e a sua identidade está no seu comportamento regulado em relação com as circunstâncias; cada regra que regula o comportamento diz a inerência entre a circunstância ou o contexto e certa propriedade. A vida da alma é por essência mutável, um fluxo, no qual cada vivência deixa atrás de si certas disposições e cria uma novidade. Por isso a alma por essência tem uma história, o seu estado precedente determina o sucessivo e mesmo nas circunstâncias exteriores iguais a alma não pode retornar ao estado anterior, como acontece com uma coisa física. A sua identidade permanente, portanto, se explica por uma regulação mais ampla destas mudanças. Quanto à dependência da alma em relação às circunstâncias, devemos distinguir entre as dependências psicofísicas (dependência do psíquico em relação ao mundo externo, o corpo), idiopsíquicas (dependência da alma dela mesma, de uma vivência em relação às vivências anteriores, modificações de vivências provocadas por outras vivências) e intersubjetivas (dependência de uma alma singular em relação aos outros sujeitos). As dependências idiopsíquicas são as mais específicas da alma: “A essência da alma comporta uma contínua formação e re formação das disposições” (Hua IV, p. 136), sob a forma de associações, hábitos, memórias, modificações das percepções, convicções, sentimentos, da direção da vontade..., que não são determinadas pelas circunstâncias externas, mas geradas por ela mesma, influenciadas pelas próprias vivências.

A alma, não obstante seja real, claramente para Husserl não é uma substância. Considerar a alma como real implica um conceito alargado da realidade, que comporta as diferenças entre realidade física e psíquica. A realidade psíquica, contudo, só se constitui como realidade na unidade com o corpo, através das dependências psicofísicas. Através da sua unidade com o corpo, a alma obtém uma realidade e existência no espaço. Porque está implicado no sentido de qualquer ser real que devem ser dadas as condições de

possibilidade da sua doação intersubjetiva, ou seja, deve ser possível uma experiência intersubjetiva do que é psíquico; esta experiência do psíquico é empatia: nela está pressuposto um corpo vivo intersubjetivamente experienciável como animado pela alma. A unidade da alma é, portanto, real porque é unida com o corpo que ela anima e que é um elemento da natureza (Hua IV, p. 139); a alma em si não tem uma existência objetiva ou real separada desta unidade indissolúvel com um corpo vivo. É o ser humano que é a substância, a realidade no sentido desta unidade concreta do psíquico e material.

Na atitude natural, cada ser humano apreende a própria alma diretamente, não como um objeto, mas como seu próprio fluxo de consciência (Hua XIII, p. 461). Nesta experiência imediata, a alma não se identifica com o Eu ou o sujeito psíquico, não é ela propriamente o sujeito da minha vida, mas cada eu pode dizer de si que é na alma que sente, na alma vive uma dor ou julga (Hua XIII, p. 241, nota 2).<sup>2</sup> O eu inere à alma, como integrado nela e dependendo dela, e entretanto contribui para a sua unidade, abarcando-a (Hua IV, p. 134). Esta diferença importante entre o eu e a alma só é esclarecida por Husserl na abordagem da dimensão espiritual do eu.

Nas *Ideias II* Husserl oferece uma observação metodológica a respeito deste modo de considerar o homem e a alma: a consideração do homem enquanto unidade de corpo e alma é chamada por Husserl de objetivista ou naturalista, própria das ciências naturais. É do ponto de vista das ciências naturais que a alma não é nada em si e é considerada apenas como um estrato dos eventos reais dos corpos vivos. Para compreender o ser humano e a sua dimensão psíquica no seu sentido mais originário, contudo, é necessário dar-se conta de um outro modo de consideração com o qual até na atitude natural tratamos o ser humano como pessoa, na sua individualidade espiritual e enquanto sujeito de intencionalidades. Ser pessoa é um *plus* em relação à

---

<sup>2</sup> Estas formulações parecem ser muito próximas do que mais adiante encontraremos na abordagem de Edith Stein. Contudo, o seu sentido final em Husserl é bem diferente, como veremos mais adiante.

realidade natural, pois entra no domínio do espírito. É na atitude fundamental que Husserl chama personalista, que se capta e tematiza o ser humano tal como ele se nos apresenta na nossa experiência cotidiana, como cada um compreende originariamente a si mesmo e os outros, na atitude natural. A fenomenologia é capaz de elucidar esta atitude personalista fundamental e a partir dela elucidar também o sentido da pessoa. A pessoa está por essência em relação com os outros, realiza atos sociais e é centro do seu mundo circundante; a pessoa é, por assim dizer, um ser social, enquanto a alma é um ser natural.

Nas *Ideias II*, Husserl não usa o conceito da alma para se referir à pessoa; no entanto nalguns escritos posteriores, dos anos 20, por exemplo (Hua XIII), não há mais diferenciação rigorosa entre alma e espírito, ambos pertencem à compreensão do ser humano mundano, na atitude natural. “O espírito é o eu pessoal [...]. Tudo o que em geral se chama espírito, tem no Eu enquanto sujeito de atos egóicos e nas suas operações a sua origem” (Hua XIII, p. 471).

O eu psíquico natural e o eu pessoal certamente são o mesmo eu, mas apreendido de modos diferentes: como membro da natureza e como membro do mundo do espírito. O autenticamente subjetivo e pessoal é o espiritual. O espírito aqui significa para Husserl o que é subjetivo e não tem a sede própria no corpo. A alma é um espírito “naturalizado”, diz Husserl nas *Ideias II*.

## B) PASSAGEM PARA A ATITUDE TRANSCENDENTAL: SUBJETIVIDADE TRANSCENDENTAL

Estas reflexões sobre a essência do ser humano natural, da alma e da pessoa, contudo não são capazes de elucidar o sentido último do ser real, do ser humano. No seu projeto de esclarecer radicalmente a constituição de sentido e a origem de sentido, como sabemos, Husserl propõe a suspensão da validade de toda a transcendência e a redução à subjetividade, à consciência transcendental, que se mostra como o domínio do ser absoluto, indubitável. Isto implica também a redução do ser humano real, mundano, por ser uma transcendência

em relação à consciência transcendental. A partir deste domínio é possível esclarecer ultimamente também o sentido da alma e da pessoa.

Como elemento irreduzível da consciência encontra-se o Eu transcendental, o sujeito da vida transcendental, em cuja vida intencional, atos intencionais, o sentido de toda a transcendência é constituído. Husserl distingue entre o Eu puro, que é o polo de atos, vazio de conteúdo e de propriedades, que não possui riquezas escondidas, como Husserl se exprime em *Ideias II*, e o Eu pessoal, pessoa transcendental, como uma unidade estratificada, constituída por uma gênese transcendental, segundo a qual de cada ato com um novo sentido objetivo irradia uma nova propriedade permanente. Cada ato intencional deixa na consciência uma sedimentação, uma tendência para os atos futuros. Para a constituição do caráter pessoal são fundamentais sobretudo os atos de tomada de posição, decisões, convicções, engajamentos pessoais. O Eu pessoal estável e permanente é chamado por Husserl de “substrato idêntico de propriedades egóicas permanentes” (Hua I, p. 101) que é passível de constante desenvolvimento.

Além do Eu puro e do Eu como substrato das propriedades, Husserl distingue ainda o Eu como mônada, considerando-o juntamente com todos os seus *cogitata*, tudo o que é intencionalmente imanente à consciência enquanto visado, constituído; ou seja, a mônada é o Eu transcendental juntamente com o seu mundo circundante enquanto noema. Esta é a plena concreção do Eu transcendental, cuja vida intencional, transcendental, a vida constitutiva, é a fonte de todo o sentido.

### C) O SENTIDO DERRADEIRO DO FENÔMENO DA ALMA ENQUANTO OBJETIVAÇÃO E ENCOBRIMENTO DA VIDA ORIGINÁRIA

A partir da explicitação da subjetividade transcendental encontramos então, na Hua XIII - XV, já a partir dos anos 20, e sobretudo nos textos dos anos 30, a derradeira explicação do sentido da alma humana, pelo esclarecimento das

atividades da sua constituição. Husserl nestes textos não parece fazer distinção muito rigorosa entre a pessoa humana e a alma, uma vez que a distinção mais radical é a distinção entre o Eu transcendental e o Eu humano.

A constituição do sentido da alma é explicada por etapas, distinguindo a constituição solipsista e a intersubjetiva. Começando pela orientação solipsista, Husserl mostra que o sentido da alma, como também o do ser homem, não é dado à subjetividade diretamente ou imediatamente, como lhe é dado o próprio eu, a própria consciência. Ou seja, cada eu certamente tem imediatamente acesso a si, ao seu fluxo de consciência, ao seu ser em si e por si (Hua XIII, p. 479-480), e encontra nisso a própria alma, ou melhor, a sua vida interior. Esta porém, para Husserl, ainda não pode ser chamada de alma no sentido pleno, isto é, objetivo. “Minha mônada é o *milieu* para todas as apercepções, mas ainda não alma”, diz Husserl explicitamente (Hua XIII, p. 461).<sup>3</sup> A subjetividade capta a si mesma plenamente apenas quando entra em relação com outras subjetividades, empaticamente, e se apreende por meio da apreensão alheia, como algo objetivo para o outro, como tendo corpo e alma que aparecem para todos. Assim como o outro é constituído na sua unidade de corpo vivo e alma, aparecendo objetivamente entre os objetos mundanos e diferenciando-se deles, a subjetividade se constitui como unidade de corpo e alma, existindo objetivamente no mundo. A alma é, portanto, algo objetivo, dada enquanto unida ao corpo. Embora tenha em si sua própria essência absoluta, puramente anímica, o seu sentido pleno é objetivo, na sua unidade com o corpo vivo.

O sujeito, que para si mesmo nunca pode tornar-se objeto na auto-experiência imediata (na mera reflexão), se torna objeto para o outro e assim para si mesmo, através da identificação do sujeito da observação interna e do sujeito-objeto, que o outro na sua observação externa do meu corpo vivo atribui a este – objeto da natureza, comum a mim e a ele (Hua XIV, p. 86).

---

<sup>3</sup> É necessário ter em conta que aqui a mônada não é considerada no seu sentido transcendental, mas como unidade puramente psíquica [*rein seelische*]. Cfr. Hua XIV, p. 367.

Husserl admite a possibilidade de refletir sobre a própria vida da consciência, sem intermediação. Contudo não dá o nome de alma a esta vida refletida. A constituição da alma para um Eu é dependente da constituição do seu corpo vivo, da constituição do corpo vivo e da alma do outro e da natureza espaço-temporal na qual o outro unicamente pode aparecer e da qual também o próprio Eu, enquanto sujeito humano, faz parte; estes elementos – corpo e alma próprios, corpo e alma alheios e a natureza comum – se co-pertencem na constituição do sentido do mundo. “Nesta mundanização, os sujeitos-Eu são ‘almas’, momentos subordinados no mundo, concretamente reais unicamente com os seus corpos vivos, que são eles mesmo momentos reais, corpos naturais no mundo” (Hua XV, p. 373).

O que porém está na ‘origem’ desta constituição, trazida à luz pela consideração transcendental, é a necessária comunicação e vinculação mútua entre as mônadas. As mônadas não são apenas em si, cada uma com seu mundo, mas estão por necessidade de essência em comunidade. E a comunicação entre elas é possível apenas através da sua aparição como encarnadas, humanas, no mundo intersubjetivamente constituído. “Eu reconheço, com isso, que a animalidade [*animalität*] é um modo, pelo qual a subjetividade se objetiviza para o outro e para si mesma, pelo que unicamente a comunicação é possível” (Hua XIII, p. 480).

A alma humana é assim uma auto-objetivação do Eu transcendental enquanto Mônada. A cada alma humana no mundo, com o seu eu psicológico, humano, corresponde um Eu transcendental. Husserl define assim a alma: “Sob o título da alma o respectivo sujeito transcendental é apercebido ônticamente enquanto pessoa de uma vida pessoal” (Hua XV, p. 466), e a sua consciência aparece como uma vivência psíquica, localizado no corpo vivo. O Eu da vivência psíquica e o Eu transcendental são no seu germe intuitivo o idêntico Eu, porém com sentidos diferentes; o sentido mundano é, do ponto de vista transcendental, um fenômeno, a autoapercepção do sentido do ser da vida

transcendental numa permanente e operante habitualidade (Hua XV, p. 543). Para Husserl, trata-se da vida da consciência ontificada e objetivada.

O problema da objetivação de si é que ela implica um obscurecimento e perda do sentido original. Ao considerar-se como homem, como alma no mundo, o Eu encobre para si o seu ser transcendental. “Em cada mônada, a sua auto-objetivação individual humana é um auto-encobrimento transcendental” (Hua XV, 388). Isto significa também que o Eu transcendental, ao assumir para si o status da existência humana, como indivíduo humano que vive no mundo, vive numa finitude, na dependência do corpo e do mundo e num desconhecimento de si, no qual é encoberta a infinitude do seu ser transcendental (Hua XV, 388).

Concluindo esta parte: a alma é para Husserl sempre alma do ser humano real; embora tenha em si uma essência absoluta e uma regularidade essencial que a distingue de tudo que é meramente material – como exposto em *Ideias II* – Husserl a considera como objetivação da vida da consciência transcendental; o seu sentido originário, porém, é ser um fenômeno, resultante de uma apercepção de si e auto-objetivação, que encobrem a vida mais originária, a transcendental, do Eu. No seu germe, a consciência e a alma coincidem, diferem apenas na interpretação do seu sentido. A interioridade da alma, psíquica, não é interioridade originária, pois pressupõe um mundo exterior ao qual é subordinada, enquanto na atitude transcendental esta exterioridade se revela sendo constituída na imanência absoluta do Eu transcendental.

## A ALMA SEGUNDO EDITH STEIN

Edith Stein concentrou muitas suas pesquisas sobre o tema da pessoa humana, recusando-se, porém, a considerar a dimensão transcendental como a dimensão do esclarecimento derradeiro do sentido dos fenômenos. Para o esclarecimento da estrutura essencial da pessoa humana – que não posso desenvolver aqui – o conceito da alma vem a ser muito importante e a autora

renova a abordagem fenomenológica da alma, encontrando um acesso mais específico para elucidar a sua essência – mais específico do que a noção genérica da experiência psíquica, ou da experiência interna, considerada por Husserl. Aqui procuro mostrar apenas as diferenças mais salientes da abordagem fenomenológica, que levam a uma compreensão mais rica da alma e da sua relação com o corpo e com a consciência, e que a autora contudo interpretou também metafisicamente, servindo-se de conceitos metafísicos da tradição aristotélico-tomista.

Podemos ser tentados a pensar que a diferença maior em relação à abordagem husserliana da alma se evidencie nos seus escritos tardios, marcados pelo seu mergulhar nos escritos dos filósofos e teólogos cristãos; entretanto, não é assim. Num escrito da etapa estritamente fenomenológica das suas pesquisas, *Introdução à Filosofia*, Edith Stein curiosamente opera com dois sentidos diferentes da alma e inclusive se serve de dois termos para se referir a ela: *Psyche* e *Seele*.<sup>4</sup> *Psyche* pode ser identificada com a concepção husserliana da alma – um ente real no mundo, que juntamente com o corpo vivo constitui a unidade do ser humano e é diferenciada por essência da coisa material.

A psique é uma substância [*Substanz*], uma unidade concreta das características ou propriedades interiores (*Accidentien*), e passa durante a duração do seu ser por uma série de estados mutáveis [*Zuständlichkeiten*] (*modi*). Ela e as suas propriedades estão submetidas a mudanças e dependências, regulamentadas de modo determinado, das circunstâncias reais nas quais se encontram (Stein, 1994, p. 146).

A alma [*Seele*], por sua vez, é como um “espaço” interior do Eu pessoal, “no” qual este acolhe os conteúdos (Stein, 1994, p. 158) e manifesta assim a sua

---

<sup>4</sup> Segundo os editores da tradução espanhola, a própria autora introduziu o longo da elaboração no texto diferentes mudanças, entre as quais precisamente a mudança da “alma” pela “psique”; em virtude disso, portanto, não é possível concluir com certeza sobre a data original do uso dos termos citados aqui; contudo, penso que isto pode não valer para as diferentes nuances da concepção da alma. Cfr. Garrido, Bono, 2006, p. 662.

individualidade peculiar.<sup>5</sup> Para a compreensão da alma pessoal e do Eu pessoal, as vivências afetivas se revelam como fundamentais. Nas suas descrições fenomenológicas é possível compreender que Edith Stein encontra nas vivências afetivas um acesso originário precisamente à alma, a via pela qual a alma se nos dá ela mesma a conhecer no seu modo de ser, na sua relação com o Eu pessoal e na sua diferença em relação à consciência, ou na sua transcendência. A autora diferencia – tal como Husserl – entre a intencionalidade dos atos teóricos e práticos, que é orientada para o objeto enquanto diferente do eu, e a intencionalidade dos atos afetivos, que é dupla: por um lado as vivências afetivas são doadoras de um tipo de objetos, elas dão a apreender as propriedades específicas, valorosas, dos objetos, por outro lado elas revelam algo do próprio sujeito, o seu sentir-se a si mesmo. É este “si-mesmo”, portanto, que é alcançado, não apenas como Eu, mas como a sua habitação, a alma.

No sentir, o eu vivenciante não apenas toma o mundo dos valores ou o mundo enquanto valoroso, mas o acolhe em si. “Em si” – significa que o Eu lhe abre a sua alma e o recebe nela. A alma é o centro da pessoa, o “lugar” onde ela está em si mesma. [...] A alma é preenchida por aquilo que lhe é próprio independentemente de todas as “impressões externas”. (Stein, 1994, p. 158)

Aquilo que preenche a alma como o que lhe é próprio se revela precisamente nos estados afetivos fundamentais, *Grundstimmungen*. Os sentimentos são vivenciados como provindos do eu, ou melhor, de uma certa profundidade do eu, e esta dimensão de profundidade é própria da alma.

O eu que se sente a si mesmo não é Eu puro, afirma a autora frequentemente, pois este não tem profundidade, é mero polo funcional, vazio de conteúdo<sup>6</sup>; ao falar do Eu pessoal, nas *Ideias II*, por exemplo, Husserl

<sup>5</sup> Edith Stein, tal como não privilegia a redução transcendental, também não tematiza a diferença entre a consideração naturalista e a personalista da pessoa; orienta o foco da sua análise diretamente à essência do fenômeno, no nosso caso a alma.

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, a obra *A estrutura da pessoa humana*, onde no capítulo sobre o especificamente humano do homem a autora distingue entre o eu puro e o eu da alma, pessoal.

menciona profundidade, porém referindo-se à base obscura sobre a qual os atos superiores se constituem, isto é, à sensibilidade e passividade. A profundidade da qual fala Edith Stein não é sensibilidade e passividade. Para manifestar o que entende pela profundidade da alma, a autora, no cap. VI da obra *Estrutura da pessoa humana*, analisa e descreve uma vivência, partindo da vida do Eu: estou refletindo sobre um problema, concretamente a questão da alma; a minha atenção, a intenção atual do meu pensar, é orientada ao problema e nele vivo. Ao mesmo tempo chega a mim o barulho da rua, tenho também consciência da folha diante de mim, da mesa e de outros objetos, mas não penso neles, a consciência deles é como periférica em comparação à atenção central ao problema. A diferença entre o centro da atenção e a consciência “periférica” Husserl já descreveu ao tematizar o horizonte. Além disso, porém – continuando a descrição da vivência – há uma questão da qual sou consciente, que jaz como que no fundo de mim, talvez desde há muito tempo, “por debaixo” de tudo o mais, uma preocupação grave, à qual não quero pensar agora, e não é nem periférica nem central; ela me revela uma outra dimensão da interioridade, a profundidade em relação à qual o problema ao qual me dedico atualmente é superficial. A interioridade é vivenciada assim como um ‘espaço’ com diferentes dimensões, que tem periferia e centro, e tem estratos de profundidade – tudo isso são expressões espaciais usadas para descrever algo não espacial.

Indo além da descrição do exemplo da autora, posso elucidar mais elementos desta vivência e do que ela manifesta da alma. A preocupação pode ser motivada pela situação existencial de uma amiga, posso estar preocupada por como ela está – esta é a orientação da vivência a algo objetivo – mas ao mesmo tempo me faz sentir a mim mesma, afetada interiormente pela situação da amiga, porque a amiga em questão e o seu bem-estar são para mim algo importante, valioso. As vivências afetivas, como o exemplo da preocupação, fazem apreender algo como valioso, e ao mesmo tempo manifestam o ser afetado do sujeito por um conteúdo objetivo, o modo como o conteúdo objetivo

é recebido e acolhido interiormente, numa profundidade e intensidade menor ou maior. O calor que sinto num dia quente, por exemplo, me irrita, me desagrada, posso notar esta vivência afetiva também, mas ela é consciente como menos importante do que a preocupação com o amigo, é algo superficial que posso contornar mais facilmente.

A alma tem profundidades. [...] Os sentimentos [*die Gefühle*] – indiferentemente se se apresentam concretamente com um sentir dos valores externos (isto é, da pessoa alheia) ou, como estados de ânimo [*Stimmungen*], como um puro ‘vivenciar a si mesmo’ – são na sua qualidade determinados pelo estrato, do qual surgem (Stein, 1994, p. 158-159).

Nestas vivências é a alma que se faz conhecer, na sua concretude singular, mas também na sua estrutura essencial. A alma é este ‘espaço’ interior estruturado, de acolhida de todos os conteúdos pelos quais a subjetividade é afetada – pela via de percepção sensível intencional ou pela via de reflexão sobre o que percebo, ou pela recordação ou imaginação ou tantas outras modalidades de vida consciente. Os conteúdos são ao mesmo tempo motivo de uma vivência afetiva que surge de algum estrato de profundidade da alma – que por sua vez se constitui através desta vivência – e me manifesta o aspecto valoroso desse conteúdo, e a vivência afetiva pode ser o motivo para o agir, para a resposta.

A consciência é a superfície iluminada da alma, que por sua vez transcende a consciência. O eu da consciência é como uma “porta de entrada”, através da qual a vida da pessoa humana sobe da profundidade da alma à luminosidade da consciência” (Stein, 2006, p. 320).

A vida desperta e consciente do eu é o caminho de acesso à alma e à sua vida escondida. Um caminho de acesso, porque é a expressão [*Bekundung*] daquilo que acontece na alma e a repercussão da sua essência. Tudo o que vivencio, vem da minha alma, é o encontro da alma com algo que a ‘impressiona’. [...] O ‘de onde’ e a ordem dos estratos da alma tornam-se manifestos *através* do vivenciar que deles sobe, e nele, porque a alma nele se abre e chega assim ao seu ser atual, ao ser vivo do presente [*gegenwärtig-lebendigen Sein*] (Stein, 2006, p. 319).

O eu consciente pode ser situado na profundidade maior ou menor da alma e a partir daí orientar os seus atos, viver nas suas vivências.

Para exemplificar o situar-se do eu nos diferentes estratos de profundidade, a autora descreve, em *Ser finito e Ser Eterno* (2006, p. 368), a diferença na resposta de duas pessoas que recebem notícia do assassinato do arquiduque da Áustria em Sarajevo, em junho de 1914 – o acontecimento que levou à primeira guerra mundial. Uma pessoa ouve a notícia, mas não fica profundamente afetada e logo se esquece dela, continua planejando suas férias. A segunda pessoa, ao saber da notícia, fica completamente transtornada, inclusive fisicamente, prevendo a guerra, não consegue mais levar adiante suas atividades, nem dormir, na espera febril do que pode acontecer. A recepção da notícia aconteceu em graus diferentes de profundidade, diz a autora, as duas pessoas apreenderam de modo diferente o significado e o valor do acontecimento.

O que caracteriza a profundidade da alma? Ela corresponde em certa medida à ordem (objetiva) dos valores, que pode ser apreendida subjetivamente, com mais ou menos correção. Os valores mais altos, mais importantes, afetam a pessoa mais profundamente e mais intensamente; os valores mais baixos, menos importantes, afetam mais superficialmente. A pessoa descobre suas profundidades ao se abrir para os valores mais altos. Por exemplo, se não encontro a pessoa que considero digna do meu amor ou que desperta em mim amor, não descubro em mim os estratos de profundidade que se referem ao valor único da pessoa, o valor mais importante, apreendido pelo amor. A própria alma com suas profundidades pode assim ser desconhecida para a pessoa; aliás, ela sempre permanece um mistério, também porque na sua profundidade se abre ao mistério da presença de Deus.

Edith Stein fala, certamente a partir da própria vivência, do lugar mais profundo da alma, em que o Eu, quando o encontra, encontra sua paz, encontra-se em casa; este estrato é como o centro que unifica a alma, de onde a

pessoa pode responder ao que a afeta de modo mais pessoal e autêntico, dispondo de toda sua força.

Penso que se pode dizer que uma das características essenciais da alma, segundo Edith Stein, é ser este espaço interior de acolhida e elaboração dos conteúdos, para possibilitar uma resposta pessoal livre. A alma vive dos conteúdos que recebe, a sua vida é a elaboração dos conteúdos. Ela por essência possui uma força vital, finita, que emprega e gasta nos atos e, além da dimensão da profundidade, tem determinada amplitude.

Uma outra característica da concepção steiniana da alma, distinta de Husserl, é que ela não tem apenas uma estrutura essencial universal, mas também uma individualidade essencial. A individualidade da pessoa não é resultado apenas da história pessoal, do que a pessoa faz de si pela sua atuação livre; com isso a pessoa forma seu caráter, mas este não é o mais individual nela. A vida de cada pessoa é por natureza, por essência, marcada por uma individualidade que a autora explica pelo que caracteriza a alma – porque claramente não se trata apenas de algo corpóreo ou material.<sup>7</sup> Cada alma se distingue da outra pela sua profundidade, sua amplitude e pela ‘quantidade’ de força vital de que dispõe para realizar suas atividades (Stein, 2003, p. 658). A essência singular da alma, que é chamada pela autora também de núcleo pessoal, colora com sua tonalidade única todas as vivências, o modo de receber o que a afeta e todas as suas respostas.

A dimensão mais profunda da alma, que lhe é mais própria e mais espiritual, não é sem cor e sem forma, mas algo formado de modo singular: ela o sente [*spürt*], quando está em si mesma, recolhida em si. Não se deixa captar de modo a poder nomeá-la com um nome geral, tampouco é comparável com os outros. Não se deixa decompor em propriedades, traços de caráter etc., pois está situada mais profundamente do que estes: ela é o “como” (*poion*) da própria essência, que por sua vez marca cada traço de caráter e cada comportamento do ser humano e fornece a chave para a construção do seu caráter. Por essas exteriorizações, a dimensão mais profunda se pode apreender também exteriormente (Stein, 2006, p. 420).

---

<sup>7</sup> É importante a crítica da autora à doutrina aristotélico-tomista da individuação pela matéria, no capítulo 8 da obra *Ser finito e Ser Eterno*.

Para a autora, temos o acesso não apenas à individualidade própria, mas também à dos outros, pois apreendemos cada pessoa como diferente, única, sobretudo quando a relação pessoa é mais próxima.

Sentimos o inefável da sua essência também nos outros. É aquilo que no fundo mais profundo [*im tiefsten Grund*] ‘atrai’ ou ‘repugna’. Podemos sentir-nos tocados como por algo semelhante [*Verwandte*]. Mas o meu ‘tipo’ e o do outro não se deixam decompor em algo comum e algo diferente. Neste sentido, devemos conceder que a diferença essencial do único não é concebível (Stein, 2006, p. 420)

É interessante a descrição da autora do acesso à própria singularidade ou a do outro. Esta não se dá por um conhecimento intelectual, pois não se exprime em conceitos que são sempre universais. Trata-se de um sentir, não propriamente sensível, e mesmo assim um sentir, “um apreender obscuro, que não tem a clareza e distinção do que é apreendido pela intuição racional” (Stein, 2006, p. 421). A autora chama o ato também de uma percepção espiritual: como toda percepção, apreende algo individual e real, e enquanto ato espiritual, aquilo que apreende não é sensível, é espiritual. “É um ‘perceber com coração’, no qual o que é sentido fala ao interior da alma e lá deve ser acolhido” (Stein, 2006, p. 421). A justificação para considerar este sentir como um válido ato epistêmico está no fato de ser o único que nos faz apreender a essência individual:

O que nos autoriza a tomar esta diferença como algo real, qual fundamento racional podemos indicar, que nos permite confiar no “sentimento”? É preciso dizer que aqui não se trata do “sentimento” no sentido de uma condição da alma [*seelische Zuständlichkeit*] que não tenha nada mais a significar. O ‘sentir’ do qual falamos tem em si um valor epistêmico, ele nos abre algo: um algo para o qual é o acesso correspondente. [...] Esta percepção, assim como a sensível, é passível de engano. Mas, rejeitá-la em princípio por este motivo seria tão irracional como renunciar ao uso dos sentidos enquanto meio de conhecimento, por serem ‘enganadores’. Quando, portanto, sentimos a nossa essência e a do outro como algo feito ‘assim’ e o seu ‘assim’ como algo único, este sentir, enquanto um modo de conhecimento original, traz a sua própria justificação em si (Stein, 2006, p. 421).

A vida interior não é a única dimensão da alma, na concepção steiniana. A autora pensa a alma em relação ao corpo em termos metafísicos, aristotélico-tomistas, como a forma: é a alma que configura a partir do interior a matéria num corpo de determinada espécie, prescreve-lhe um desenvolvimento, como sua entelêquia; é a alma que faz o corpo ser um organismo vivo, um corpo senciente, é dela que provém a força que o corpo usa para sua vida e seu movimento. É muito interessante a sua descrição da interligação entre os fenômenos corporais, psíquicos e espirituais; isto contudo não pode ser desenvolvido aqui. A alma é o que une matéria e espírito no ser humano, é uma dimensão de intermediação – numa radical superação de qualquer dualismo. Além da sua relação com o corpo e da vida interior que lhe é própria, a alma tem também a função de abrir o ser humano ao que a transcende radicalmente, o mundo espiritual. Mas tudo isso seria o assunto para um outro artigo.

Uma palavra final pode ser dita a respeito da tese de Husserl de que conhecer a alma significa necessariamente objetivar a sua vida. Encontramos em Edith Stein uma distinção explícita entre a consciência originária de si, anterior à diferenciação entre o eu e o objeto, e a consciência objetivante. A consciência mais originária acompanha o vivenciar do Eu, sem ser um ato de percepção ou tematização desta vida. Por ela o ser humano se conhece sem se captar a si mesmo como objeto. “A forma originária do saber que pertence ao ser e à vida espiritual não é um saber a posteriori, reflexivo, no qual a vida se converte em objeto do saber, mas é como uma luz pela qual esta vida espiritual como tal está iluminada” (Stein, 2003, p. 649). E este conhecimento originário a autora aplica à alma que, portanto, pode ser conhecida sem ser objetivada.

A consciência originária se torna “autopercepção” ou “percepção interna” [...] apenas quando o Eu sai do vivenciar originário e faz dele um objeto. Então depara-se com a alma como algo “coisal” [*Dingartiges*], “substancial”, com propriedades duradouras, com habilidades, que são capazes e precisam de formação e crescimento, com estados e atividades mutáveis. (Stein, 2006, p. 319-320).

## PARA CONCLUIR: DE VOLTA A HUSSERL

Na última parte deste texto quero brevemente apresentar um texto de Husserl, publicado no volume sobre os “problemas-limite” da fenomenologia, que surpreende pela semelhança na descrição das vivências às quais Edith Stein prestou atenção como via de acesso à dimensão da profundidade do Eu que foi por ela interpretada como alma.

Husserl desenvolveu muitas análises das vivências afetivas, da sua relação com os valores que, sendo publicadas tardiamente, ainda serão objeto de muitos estudos. Uma curiosa descoberta é que, a partir das suas reflexões sobre ética nos anos 20, nas quais é especificamente importante o tema do amor e dos valores pessoais, Husserl avança na compreensão da individualidade da pessoa e encontra nela uma dimensão de profundidade.

Para Husserl, apreendendo valores e valorizando, decidindo a partir dos valores aos quais é possível dedicar-se com menor ou maior intensidade, a pessoa constitui sua personalidade e descobre, precisamente a partir dos valores, fontes mais profundas da sua interioridade. E o amor é um tipo de vivência particular, para Husserl, que apreende valores mais importantes para a pessoa e fundamenta os deveres mais altos, chamados deveres absolutos. E Husserl diz que o amor tem raiz num centro pessoal, na profundidade da intimidade do Eu, da sua interioridade aberta aos valores, que, portanto, sente os valores.

Por mais que todos os atos sejam centrados no Eu e tenham nele sua origem, há, contudo, uma diferença neles neste aspecto. Aos valores é possível dedicar-se mais ou menos plenamente. Vivendo na realização sempre mais profunda e rica dos valores, eles se dão numa perfeição progressiva e sempre mais alta. Isto diz respeito aos valores que têm horizontes amplos, infinitos que, quando a pessoa se lhes abre e os segue, derrama de si fluxos sempre mais ricos do sentir valorativo, se “entusiasma”. Quanto mais isso acontece, tanto maiores profundidades do próprio Eu entram em ação. O Eu é um polo, mas não um polo vazio. Não é um substrato vazio e morto de propriedades, mas um Eu-centro de ações, que tem mesmo suas profundidades egóicas, e isto significa, um Eu-centro que é tocado e opera mais profundamente, oferecendo sempre mais de si

mesmo, desdobrando-se sempre mais egoicamente, e no desenvolvimento entregando-se ao seu objeto (Hua XLII, p. 358).

É curiosa esta descrição de Husserl, muito próxima das descrições steinianas, que evidencia a relação entre a vivência afetiva de amor que apreende valores mais altos e a dimensão da profundidade do Eu, de um centro mais profundo no Eu do qual o amor brota. Estas análises, ou o que por elas é descoberto, não parecem ter conduzido Husserl a uma reformulação do conceito da alma, para dar explicação da sua dimensão de profundidade, contudo trazem à luz a via que abre acesso a ela.

A interpretação diferente da mesma descoberta resulta das decisões metodológicas – como, por exemplo, a redução transcendental – que, ao mesmo tempo em que abrem o acesso ao fenômeno, podem também dificultar a apreensão plena do seu sentido. Como mencionei anteriormente, Edith Stein optou por não considerar a análise na atitude transcendental como a mais originária e apropriada para o esclarecimento do sentido derradeiro dos fenômenos. Isto situa os fenômenos no mundo, sem contudo impedir que sejam elucidados fenomenologicamente a partir da sua doação nas vivências originárias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARRIDO, C. R; BONO, J. L. Caballero. “Nota introductoria” a *Introducción a la Filosofía*, em Stein, E. *Obras completas*, vol II. Vitoria: El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2006, p. 657-663.
- HUSSERL, Edmund. *Grenzprobleme der Phänomenologie. Analysen des Unbewusstseins und der Instinkte. Metaphysik. Späte Ethik. Texte aus dem Nachlass (1908–1937)*. (Hua XLII) R. Sowa und Th. Vongehr (Hrsg.). Dordrecht: Springer, 2013.
- HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phenomenologischen Philosophie. Zweiter Buch. Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*. (Hua IV). Marly Biemel (Hsg.) Den Haag: Martinus Nijhoff, 1952.

- HUSSERL, Edmund. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. (Hua I) S. Strasser (Hsg.) Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.
- HUSSERL, Edmund. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass. Erster Teil: 1905-1920*. (Hua XIII). Iso Kern (Hrsg.). The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- HUSSERL, Edmund. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass. Zweiter Teil: 1921-1928*. (Hua XIV). Iso Kern (Hrsg.) The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- HUSSERL, Edmund. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass. Dritter Teil. 1929-35*. (Hua XV). Iso Kern (Hrsg.). The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. Edição online: ESGA 14 (edith-stein-gesellschaft.org) / *La estructura de la persona humana*. Em: *Obras Completas, IV. Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. Esp. F. J. Sancho, J. Mardomingo, C. R. Garrido, C. Dias, A. Perez, G. F. Aginaga. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 590-591.
- STEIN, Edith. *Einführung in der Philosophie*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 1994.
- STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. Freiburg: Herder, 2006.
- STEIN, Edith. *Zum Problem der Einfühlung*. Freiburg: Verlag Herder, 2008.

[Received: October 7th 2024. Editorial decision: January 8th 2025]